
Fernando Pessoa, o drama homoerótico

Fernando Arenas

Resumo

Este artigo visa a mapear o terreno crítico, tanto canónico como não canónico, da dimensão homoerótica na obra pessoana até ao momento; inserir a questão homoerótica dentro do paradigma das "leituras locais" em torno de Pessoa; analisar alguns passos textuais relevantes; e finalmente sugerir de que maneira – com base em alguns textos conhecidos assim como desconhecidos dos leitores – o aspecto homoerótico pode também permitir uma nova leitura global da obra pessoana, menos metafísica e mais matizada.

Palavras-chave: Fernando Pessoa, literatura portuguesa, homoerotismo, Modernismo português

O desejo homoerótico que perpassa a obra de Fernando Pessoa tem sido apontado por várias gerações de críticos desde os clássicos João Gaspar Simões, Jorge de Sena e Eduardo Lourenço, até aos mais novos, incluídos Richard Zenith, José Carlos Barcellos, Mário César Lugarinho, Fernando Arenas, Susan Quinlan e outros.¹ Apesar das tentativas eloqüentes e corajosas de chamar a atenção para o lugar do desejo homoerótico no texto pessoano, e em vista dos manuscritos que ainda estão a surgir ou ainda por conhecer, fica sem dúvida bastante trabalho por fazer. As últimas descobertas realizadas pelo pesquisador e tradutor Richard Zenith no espólio pessoano vêm reforçar ainda mais a ideia da importância do desejo homoerótico para uma compreensão mais alargada e profunda do labirinto ontológico-literário do poeta. De tal forma, à luz dos textos poéticos homoeróticos recém descobertos pela equipe Pessoa, assim como das aproximações teóricas recentes de raiz deleuziana, vale a pena actualizar o debate em torno da questão homossexual e reavaliar a sua importância dentro do universo heteronímico. Portanto, este trabalho visa mapear o terreno crítico da abordagem canónica da dimensão homoerótica na obra pessoana até ao momento; inserir a questão homoerótica dentro do paradigma das "leituras locais" em torno de Pessoa;² analisar alguns passos textuais relevantes à nossa discussão; e finalmente, sugerir de que maneira — com base nos textos conhecidos assim como desconhecidos dos leitores — o aspecto homoerótico poderia também permitir uma nova leitura global da obra pessoana. Este trabalho não pretende, contudo, esgotar a temática nem muito menos as aproximações críticas possíveis. No entanto, tomando como ponto de partida algumas tentativas críticas anteriores, o desejo é levar a discussão mais à frente.

Pessoa deixou milhares de manuscritos que neste momento continuam a ser desenterrados, classificados, lidos e publicados. Os estudiosos Teresa Rita Lopes e Richard Zenith assinalam mais de 72 casos de heterónimos, incluídos uma mulher concubina de nome Maria José e um anónimo de carácter explicitamente "gay."³ Têm também surgido recentemente novos poemas de conteúdo abertamente homoerótico em inglês e francês. Tal como nos lembra Teresa Rita Lopes, conhecer os inéditos de Pessoa não altera só quantitativamente o nosso conhecimento da obra mas altera qualitativamente a paisagem pessoana.⁴ As últimas descobertas "arqueológicas" sem dúvida vêm acrescentar mais dados ao que já se conhece da obra e vida de Fernando Pessoa relativamente à questão (homo)erótica com base a todas as referências — embora sempre escassas — sejam elas subtis, implícitas, ou mesmo explícitas, um pouco por toda a produção ortonímica, (semi-) heteronímica e epistolar. Em suma, essa relativa escassez de referências, e mesmo a sua sintomática ausência, são paradoxalmente prova do facto de que a crise ontológica que se vislumbra no cerne da produção literária pessoana está relacionada, até certo ponto, a um sentido de desejo (homo)erótico não-realizado. A complexidade filosófica da obra de Pessoa que advém dessa crise ontológica (e aqui deve-se acrescentar a obra do seu parceiro em letras, Mário de Sá-Carneiro), não pode ser dissociada, em última instância, do desejo e da sexualidade.

¹ Ver Zenith (2002), Barcellos (1998), Lugarinho (2002), e Arenas e Quinlan (2002).

² "Leituras locais" é um termo sugerido por Eduardo Prado Coelho que faria parte de um terceiro paradigma na história dos Estudos Pessoaanos, que põe em parênteses "a questão exausta da heteronímia" (COELHO, 1988, p. 68), procurando ler certos aspectos textuais da obra pessoana para daí propor uma nova leitura global.

³ A partir de 1988 mais de vinte estudiosos pessoanos (entre eles, Teresa Rita Lopes e Richard Zenith) têm-se debruçado sistematicamente sobre a "arca" pessoana. Segundo Lopes, o espólio pessoano, localizado na Biblioteca Nacional de Lisboa, consta de "27543 documentos, dos quais 18816 manuscritos, 3948 dactilografados e 2662 mistos, distribuídos por 343 'envelopes'" (LOPES, 1990, p. 14).

⁴ LOPES, 1990, p. 18.

Foi João Gaspar Simões o primeiro crítico a levantar a questão do “enigma de Eros” em Fernando Pessoa. A base da sua análise reside numa leitura edípiana do complexo erótico-sexual no poeta. Tanto o caso de amor com Ophelia de Queiroz, que Gaspar Simões descreve como essencialmente platónico e passageiro, assim como a sua sexualidade “frustrada,” “anormal” e “aberrante” são lidos através de um prisma de fortes tendências freudianas. Por um lado, a fixação infantil pela mãe seria obstáculo para amar uma mulher, e por outro lado, a presença marcante da mãe seria propiciadora duma homossexualidade. No entanto, segundo o crítico, essa homossexualidade seria também de natureza “platónica,” tal como acontece no romance com a Ophelinha. Em qualquer dos dois casos, Gaspar Simões considera a sexualidade em Pessoa como “anormal.” Mas tal anormalidade seria sublimada esteticamente através da produção literária: “O ideal de Beleza, valor imperativo no momento em que debate consigo mesmo os vários problemas de amor, era, então, por assim dizer, o único ideal da sua obra, visto que o ideal de Beleza corresponderia à ‘translação’ de elementos psíquicos e sexuais, especialmente sexuais, que, amputados na sua originária manifestação, se haviam refugiado na abstracção ideal do princípio para que tendiam todas as aspirações da sua sensibilidade” (SIMÕES, 1954, p. 526). Portanto, segundo esta leitura, tudo será legítimo enquanto for posto ao serviço da Beleza.

Enquanto que a problemática erótica em Pessoa ocupa um capítulo inteiro da exaustiva *Vida e obra de Fernando Pessoa* (1954), o crítico e biógrafo Robert Bréchon dedica-lhe escassas linhas, numa obra também exaustiva e mais recente, intitulada *Estranho Estrangeiro* (1996). A propósito da profunda amizade platónica e intelectual entre Mário de Sá-Carneiro e Fernando Pessoa, Bréchon afirma peremptoriamente, ainda que de modo pontual, o seguinte: “E mesmo que haja incontestavelmente em Pessoa, e ainda mais em Sá-Carneiro, tendências homossexuais, a relação deles foi unicamente a de duas ‘almas’, para utilizar o seu próprio vocabulário” (BRÉCHON, 1996, p. 172). Para Bréchon, as “tendências homossexuais” — sejam elas implícitas, latentes, explícitas ou reprimidas — são um factor a ter em conta na biografia e bibliografia dos dois grandes poetas (embora o crítico faça uma distinção qualitativa entre um poeta e o outro), mas a afirmação fica por aqui, para além do facto de sublinhar o carácter estritamente platónico da relação Pessoa-Sá-Carneiro.

Eduardo Lourenço, por sua vez, introduz uma leitura niilista, de cunho nietzscheano, para interpretar o enigma ontológico-erótico do poeta. Nesta leitura, o ser é uma “ausência dolorosa”. O sofrimento que advém desta noção é tão metafísico quanto carnal e afectivo, na medida em que há um desfaseamento intrínseco entre o eu e o outro. Este desfaseamento, segundo Lourenço, levaria a uma “dilacerante” incapacidade de amar, mais particularmente, a mulher (ser que Lourenço define como sendo o outro em relação ao homem, deixando pouco claro onde situar o homem biológico com relação ao outro homem). É, de facto, bastante conhecida a ausência da mulher como objecto de desejo carnal em praticamente toda a obra pessoana. Nem Ricardo Reis fugiria a esta visão, uma vez que Reis evita a todo custo qualquer

contacto físico ou envolvimento emocional que levem ao prazer ou ao desamor. Entretanto, Lourenço reconhece que em Pessoa há um tratamento mais "incarnado e convincente" da pulsão homoerótica, mas aqui, o venerado crítico afasta-se da explicação dada pelo próprio Pessoa que diz ser a pulsão homoerótica a explicação da carência de amor (o próprio Lourenço alude a esta explicação por parte de Pessoa (LOURENÇO, 1986, p. 66)). Lourenço, em última instância, opta por negar, provavelmente por pudor e homofobia, a relação existente entre homossexualidade, carência de amor e dor metafísica. O crítico apresenta uma postura ambígua na medida em que subordina o âmbito erótico ao ontológico, recusando qualquer ligação entre o fenómeno do *não-amor* e o que ele chama de "desvio da norma amorosa," apesar de reconhecer esse "desvio" como palpável e problemático no texto pessoano. Mas ao mesmo tempo, Lourenço não deixa de admitir que Pessoa "liberta" as suas tendências homossexuais e sado-masoquistas nos *Poemas Ingleses* e nas conhecidas odes de Álvaro de Campos, e admite que possa haver uma tonalidade "sincera" na homo-afectividade descrita no poema "Antínoo," por exemplo. De qualquer modo, apesar de serem "mensageiras" da sua pulsão homoerótica, estas "figuras escritas" da sua afectividade "atravessam com dificuldade o círculo frio, solitário, do *não-amor*" (LOURENÇO, 1986, p. 75). Na leitura de Lourenço, a questão dos afectos, homoeróticos ou não, na vida e obra de Fernando Pessoa, passa inexoravelmente pelo labirinto da solidão infinita, pela angústia perante a morte, e pelo esfacelamento do sujeito moderno. Contudo, a questão da verdade afectiva, sentimental e erótica em Pessoa seria, no fundo, inseparável duma questão literária, isto é, do jogo onde imperam as máscaras e o fingimento que encenam o drama existencial do poeta. Portanto, restam as seguintes perguntas: qual afinal o lugar do desejo homoerótico na constelação literário-ontológica pessoana? De que maneira esse desejo é causa, efeito, sintoma, ou correlato duma angústia existencial? Embora Lourenço lance algumas pistas importantes, as perguntas merecem ainda maior reflexão, mas a elas voltaremos mais adiante.

Por seu lado, Jorge de Sena⁵ e António Quadros,⁶ respectivamente, dedicam várias páginas a analisar a questão (homos)sexual a propósito do poema "Antinous/ Antínoo" tentando determinar aquilo que poderia significar para a própria vida e obra do poeta. Nesse passo interpretativo, as cartas enviadas por Pessoa a João Gaspar Simões são de grande utilidade. Nelas, Pessoa revela a sua obsessão com o que ele define como "obscenidade", e ao mesmo tempo, a necessidade de, segundo ele, a eliminar de vez:

Há em cada um de nós, por pouco que especialize instintivamente a obscenidade, um certo elemento desta ordem, cuja quantidade, evidentemente, varia de homem para homem. Como esses elementos, por pequeno que seja o grau em que existem, são um certo estorvo para alguns processos mentais superiores [...], decidi por duas vezes, eliminá-los pelo processo simples de os exprimir intensamente (PESSOA, 1982, p. 67)

Neste trecho, Pessoa alude à gênese de dois poemas em língua inglesa, considerados entre os mais explícita e paradigmaticamente eróticos do que se conhece da sua obra até agora: "Antinous" e "Epithalamium," ambos

⁵ PESSOA, 1974, p. 27-33.

⁶ QUADROS, 1984, p.146-151.

publicados em 1921 (deve-se acrescentar aqui o poema escrito em língua inglesa "Le Mignon," publicado em versão incompleta por primeira vez em 1995 por Luísa Freire, porém, mais recentemente, dado a conhecer de forma mais completa embora fragmentária por Richard Zenith).⁷ Jorge de Sena interessa-se muito pela ambigüidade deste trecho da carta e discorre longamente sobre ele na sua introdução aos *Poemas Ingleses* (1974). Sena diz que, nessa carta, Pessoa tenta "racionalizar" uma realidade psicológica (neste caso, o que Pessoa chama de "obscenidade," e que para nós seria simplesmente "sexualidade" seja ela hetero-, bi- ou homo-), além de tentar "neutralizar" a carga erótica dos poemas. Este processo de sublimação intelectual da sexualidade, segundo revela este trecho sintomático da carta, aponta para uma estratégia consciente de repressão sexual, assim como uma manifestação de sentimento de culpa, homo- e "erofobia," imbuídas de um certo platonismo. Contudo, esta complexa tentativa de sublimação situa-se num contexto dialéctico ainda mais amplo de castidade e pan-erotismo, como sugere Sena, abrangendo toda a obra pessoana, desde a bissexualidade radicalmente espectacular de Álvaro de Campos, a homossexualidade explícita do terno e trágico heterónimo "gay" recém descoberto por Richard Zenith, até a heterossexualidade paródica do "Epithalamium," para lembrar só alguns exemplos.

Dentre os críticos da sua geração, Jorge de Sena apresenta sem dúvida a atitude mais sensível frente ao drama (homo)erótico em Fernando Pessoa. Sem reparos morais, pudor ou atitude patologizante, ele oferece uma leitura que consegue viabilizar uma circulação limitada do desejo erótico em diversos registos na obra literária pessoana, em troca da supressão do desejo em vida. A sua leitura admite a expressão duma certa liberdade conquistada por Pessoa, embora a um alto preço, isto é, não através da afirmação da personalidade mas paradoxalmente pela sua anulação. Temos aqui, pois, em síntese, várias leituras canónicas da dimensão (homo)erótica do drama ontológico pessoano: o sujeito a explodir em dezenas de seres textuais como estratégia consciente de sublimação que, segundo Gaspar Simões, responde a um imperativo estético; ou como tentativa de resolução do doloroso e dilacerante impasse existencial, segundo Lourenço; ou como multiplicação textual do desejo erótico nas suas diversas manifestações por forma de as apagar em vida, segundo Sena. Estas três leituras que destacam a sublimação, subordinação, e a negação do *Eros* em Pessoa, coincidem em afirmar o seu efeito ulterior: a clara impossibilidade da expressão e realização (homo)erótica em vida, ou melhor, *fora do texto*. Mas, se atendermos às diversas tentativas de análise textual, tanto dos críticos mais canónicos abordados até agora quanto dos mais novos mencionados no início deste trabalho, constatamos que a margem de expressão do desejo (homo)erótico é bastante delimitada (com a possível excepção do poema escrito em inglês, "Le Mignon"), e o seu grau de plausibilidade completamente ficcional, sobretudo se pensarmos na "Ode Marítima" de Álvaro de Campos ou no poema "Antinous." Apesar disso, as suas marcas textuais são, por um lado, um sintoma da sua importância na dialéctica entre vida e texto em Pessoa, e por outro lado, um aspecto fundamental da dialéctica textual entre fingimento e sinceridade

⁷ Ver edição de Luísa Freire (PESSOA, 1995, p. 498). Ainda em Pessoa (2000, p. 80-90), Freire fornece uma nota explicativa com a cota 49A4-42, que identifica o manuscrito dentro do espólio pessoano localizado na Biblioteca Nacional de Lisboa. Mais recentemente, Richard Zenith fez uma pesquisa sobre o mesmo manuscrito, tentando preencher lacunas e reconstruindo o texto de forma mais integral, mesmo que permanecendo fragmentário. A nossa leitura desse poema baseia-se na versão mais completa, embora inédita, pesquisada por Zenith.

que abre a possibilidade para a livre expressão de uma multiplicidade de desejos.

Seguindo a análise geral de Eduardo Prado Coelho sobre o desenvolvimento dos Estudos Pessoaanos até aos anos oitenta, temos que os paradigmas de leitura têm oscilado essencialmente entre dois pólos. No primeiro, que inclui a leitura de Gaspar Simões, o facto humano explicaria o facto textual. Neste caso, o facto humano tido como "debilidade," se pensarmos na dimensão psicosexual, poderia afectar ou não a "credibilidade estética" do texto. No segundo pólo, o facto textual explicaria o facto humano, onde o drama existencial seria absorvido e rearticulado pelo discurso literário. A leitura de Eduardo Lourenço seria uma das mais representativas na medida em que ele destaca o texto pessoano como resposta a uma saga individual que por sua vez é sintomática da crise da modernidade onde o destino do sujeito ocidental é posto em causa. Entretanto, no meio desta oscilação de paradigmas, temos as leituras locais mencionadas anteriormente, onde gostaríamos de enquadrar uma leitura homoerótica da obra pessoana. Contudo, surge um terceiro paradigma globalizante que deseja romper com o esquema inicial que em geral vê o texto pessoano como negação da vida. Ao mesmo tempo, acreditamos que este terceiro paradigma poderia iluminar uma leitura homoerótica de Pessoa e vice-versa. Este novo paradigma instigado por José Gil é o resultado de um diálogo fructífero com o pensamento teórico deleuziano que traz como premissa a visão de que o desejo de Pessoa de "sentir tudo de todas as maneiras" não é mais do que uma extraordinária afirmação da vida. Esta aproximação cinge-se essencialmente ao texto como mola propulsora de ideias e sensações que produzem fluxos intensos e dinâmicos de expressão.

Através da sua análise das sensações em Fernando Pessoa, José Gil lê o poeta primeiramente como facto teórico que sustenta a existência de Pessoa como facto textual (a literatura surge aqui como produção de um *devoir-outro* que é ao mesmo tempo um *devoir si próprio*).⁸ O facto textual, por sua vez, fica imbricado numa vasta e complexa rede de textos que formariam parte do fenómeno heteronímico. Nesta leitura, a heteronímia seria "um dispositivo de produção de sensações literárias e de multiplicação dessas sensações" (GIL, 1987, p. 227); ao mesmo tempo, este dispositivo agiria como uma técnica extraordinária de liberação de formas reprimidas de identidade. Aqui, Gil entra na trilha do pensamento pós-estruturalista de Deleuze e Guattari relativamente à subjectividade, desejo, epistemologia e política, para resgatar Pessoa das leituras negativas de teor nülista. Pessoa e Companhia, portanto, seriam objecto duma transcodificação conceitual e histórica uma vez que surgem como arquétipo duma subjectividade pré-pós-moderna tão celebrada pelos teóricos franceses. Como se sabe, Deleuze e Guattari recusam toda noção de sujeito unificado e centrado e, em contrapartida, postulam o surgimento de subjectividades liberadas das formas de identidade fixas numa era pós-moderna. Nesta conjuntura teríamos o "corpo-sem-órgãos," isto é, o corpo "desterritorializado" e sem organização; uma entidade liberta dum estado semiotizado, socialmente articulado e disciplinado para se permitir a hipótese de reconstituir-se em múltiplas formas. Na base da esquizo-análise

⁸ Ver a análise de Eduardo Prado Coelho sobre a aproximação crítica de José Gil em torno da obra pessoana, em "José Gil: um terceiro paradigma nos estudos pessoanos."

teorizada por Deleuze e Guattari n' *O Anti-Édipo* temos a primazia do desejo e do inconsciente sobre a produção material, os interesses e as necessidades. Neste contexto, o "corpo-sem-órgãos" seria a entidade que daria liberdade ao fluxo do inconsciente e do desejo.⁹

Na obra pessoana, o espaço poético da "Ode Marítima" de Álvaro de Campos, no seu delírio orgásmico de todas as coisas marítimas, seria um dos exemplos mais conseguidos da noção do "corpo-sem-órgãos," segundo José Gil. Portanto, a "Ode Marítima" seria uma tentativa minuciosamente descrita "de uma forma possível de construir o plano de imanência" (GIL, 1999, p. 116). Este plano supõe a não separação entre o espírito e o corpo, onde coexistem toda espécie de afectos, emoções, sensações e intensidades. Segundo o crítico, o "corpo-sem-órgãos" seria aqui uma superfície exterior composta de três planos num só: a pele, o mar e a escrita poética. A encenação do "delírio das coisas marítimas" implicaria então a "circulação nómada de intensidades literário-dérmico-marítimas" (GIL, 1999, p. 128). De tal maneira, o movimento da sensação seria movimento da escrita. Fica por esclarecer, contudo, o lugar do desejo (homo)erótico nesse movimento. É claro que o desejo (homo)erótico percorre toda a superfície do "corpo-sem-órgãos" entre os vários planos enumerados por Gil (pele, mar, escrita poética); no entanto, no seu brilhante exercício hermenéutico não se vislumbra uma tentativa de explicar o papel desse desejo na economia do poema, para além de sugerir que as intensidades sexuais que perpassam a "Ode Marítima" pertencem ao mundo "infantil" que é evocado constantemente em diversos passos do poema (por exemplo, nas cenas de pirataria) (GIL, 1999, p. 130). Portanto, a leitura de Gil, no que diz respeito ao desejo homoerótico, remete-nos de novo para as interpretações freudianas da (homos)sexualidade, tão caras a Gaspar Simões, em que a homossexualidade é sintoma de conflitos não resolvidos da infância de raiz edipiana.

Resta-nos então, aprofundar a leitura do desejo homoerótico na obra pessoana, passando especificamente a vários textos paradigmáticos: "Ode Triunfal," "Ode Marítima," "Antinous/Antínoo," "Le Mignon" e o poema fragmentado "gay" recém descoberto. Na "Ode Triunfal," e de maneira muito mais acentuada na "Ode Marítima," o espaço poético torna-se o palco da expressão do desejo mais radical, tentando fugir às hierarquias sociais disciplinadoras, liberando as fantasias eróticas reprimidas, ao mesmo tempo, privilegiando um fluxo libidinal intenso assim como "perverso." As famosas odes de Álvaro de Campos são provavelmente alguns dos exemplos mais ousados no Modernismo ocidental duma expressão literária da liberação do desejo polimorfo. Na esteira da revolução freudiana, as odes apresentam-nos uma "poética e política do perverso" — usando o termo do crítico norte-americano Joseph Boone — na medida em que se juntam a uma série de escritos modernistas, no âmbito da prosa e da poesia, onde são delineadas a instabilidade e variabilidade dos impulsos psico-sexuais assim como os "desvios" da libido no inconsciente. De tal modo, na "Ode Triunfal" e na "Ode Marítima," teríamos não só a expressão aberta do desejo homoerótico masculino mas o seu enquadramento num dispositivo de carácter explicitamente sado-masoquista. Na sua análise da representação da

⁹ Para uma discussão pormenorizada do conceito "corpo-sem-órgãos," ver Deleuze e Guattari (1973, p. 17-22). Para uma leitura crítica do pensamento deleuziano, ver Best e Kellner (1991, p. 77-110). Para mais detalhes sobre o diálogo conceitual entre Deleuze e Pessoa encenado por José Gil relativamente ao "corpo-sem-órgãos," ver Gil (1999, p. 115-132).

sexualidade no Modernismo anglo-americano, Boone lembra-nos correctamente que a formação do movimento modernista na arte e na cultura é indissociável dos novos discursos psicanalíticos e sexológicos que surgem no início do século XX, mas que do ponto de vista ideológico, estético e narrativo-poético, o Modernismo coloca-se numa posição anti-totalizadora e contra-hegemónica frente àqueles novos discursos (BOONE, 1998, p. 7).¹⁰ No caso de Fernando Pessoa/Álvaro de Campos, especificamente, verificar-se-á uma postura ambígua e oscilante entre forças totalizadoras e anti-totalizadoras como se verá logo a seguir.

A "Ode Triunfal" e a "Ode Marítima" irrompem espectacularmente na pasmeira cultural do centro de um império à margem da história no início do século XX. Temos mais concretamente, na "Ode Marítima," a apropriação e transformação da "matéria prima" que possibilitou a construção do império — o mar e os seus referentes — para projectá-los num novo patamar ("o Cais Absoluto"), o *logos* que irá reger o poema. Esse *logos* consistirá essencialmente na produção duma nova forma (poética) de ser e de estar na linguagem a fim de dizer e representar o momento contemporâneo. Ao mesmo tempo, consistirá na tentativa de vivenciar a experiência total. Parte dessa ânsia de totalidade é a de o sujeito poético desejar outrar-se de maneira radical, e um aspecto fundamental desse processo de *outramento* que tem lugar ao longo da "Ode Marítima" (assim como na "Ode Triunfal") reside no âmbito sensual, erótico, sexual. De tal maneira, nas duas famosas odes temos o sujeito moderno masculino que se quer liberado pela promessa da tecnologia e da máquina, tornando-se objecto sexual passivo de ambas, *whitmanianamente* "sentindo tudo de todas as maneiras," numa multiplicação alucinada de sensações. Anulam-se aqui as diferenças sexuais e implodem as oposições binárias e a fronteira entre sujeito e objecto. A fúria do desejo da sensação total exprime-se através duma relação sado-masoquista com o mundo, fazendo com que o sujeito poético masculino almeje ser sexualmente dominado e penetrado, assim como torturado, espancado, mesmo estuprado e trucidado pela máquina — significante arquetípico da Modernidade — ou pela sua versão humanizada na forma de marinheiros, figuras arquetípicas da nação portuguesa:

Eu podia morrer triturado por um motor
Com o sentimento de deliciosa entrega duma mulher possuída.
Atirem-me para dentro das fornalhas!
Metam-me debaixo dos comboios!
Espanquem-me a bordo de navios!
Masoquismo através de maquinismos!
Sadismo de não sei quê moderno e eu e barulho!
(Ode Triunfal. PESSOA, 1980, p. 150).

Façam enxárcias das minhas veias!
Amarras dos meus músculos!
Arranquem-me a pele, puguem-a às quilhas.
E possa eu sentir a dor dos pregos e nunca deixar de sentir!
Façam do meu coração uma flâmula de almirante
Na hora da guerra dos velhos navios!
Calquem aos pés nos conveses meus olhos arrancados!
Quebrem-me os ossos de encontro às amuradas!

¹⁰ Em *Libidinal Currents*, através duma série de *close readings*, Joseph Allen Boone oferece uma análise detalhada em torno da representação da sexualidade em textos ficcionais de escritores paradigmáticos do Modernismo em língua inglesa, por exemplo, James Joyce, Virginia Woolf, William Faulkner e Djuna Barnes, entre outros.

Fustiguem-me atado aos mastros, fustiguem-me!
 A todos os ventos de todas as latitudes e longitudes
 Derramem meu sangue sobre as águas arremessadas
 Que atravessam o navio, o tombadilho, de lado a lado,
 Nas vascas bravas das tormentas!

(Ode Marítima. PESSOA, 1980, p.178-79).

Aqui a pulsão violenta atinge o extremo auto-flagelador e mortal na medida em que o sujeito poético, num gesto de heresia, deseja ser sacrificado qual um (anti-)Cristo ou mesmo um escravo, pela força avassaladora da vida marítima. Neste delírio, as categorias hierarquizadoras de moral, religião, sexualidade e género, sofrem uma violenta transcodificação, ao mesmo tempo em que há uma multiplicação das identidades do sujeito. Seria neste plano imanente, tal como o define José Gil, onde coexistiriam todas as sensações contraditórias, tornando possível a multiplicidade do sentir, numa e em infinitas sensações, desdobrando-se instantaneamente em "pregas infinitas" (GIL, 1999, p. 116-117). No entanto, nestas odes, a explosão sensual de forte carga (homo)erótica é efémera, deixando o sujeito esgotado, desiludido e solitário, sem a hipótese de comunicabilidade com o outro. A relação com a modernidade e os seus significantes é essencialmente de carácter negativo e alienante. A modernidade da máquina, da tecnologia, do volante, não preenche o vazio ontológico deixado pelos deuses, enquanto que a sua expressão erótica, embora liberadora num certo sentido, acaba por ser marcada pela extrema violência auto-destrutiva tanto misógina quanto homofóbica: "Ser o meu corpo passivo a mulher-todas-as-mulheres/Que foram violadas, mortas, feridas, rasgadas pelos piratas!/Ser no meu ser subjugado a fêmea que tem de ser deles/E sentir tudo isso — todas estas coisas numa só vez — pela espinha!" (PESSOA, 1980, p. 183). Apesar do impulso demolidor das diferenças sexuais e oposições binárias na êxtase marítima, assim como o retorno alucinado e liberador do recalque, o sujeito masculino fica inevitavelmente atrelado ao sistema patriarcal de sexo/género na medida em que as relações sexuais que têm lugar neste espaço poético são altamente hierarquizadas, seguindo o rígido esquema masculino/feminino, activo/passivo, onde o sujeito poético ocupa o lugar do objecto passivo e feminilizado de uma máquina hiper-masculinizada.

O "corpo-sem-órgãos," conceito teórico que postula uma entidade liberadora dos fluxos do inconsciente e do desejo, que por sua vez ilustra eloqüentemente o impulso vital do dispositivo heteronímico pessoano, pertence em última instância ao domínio da arte, ou mais concretamente, no caso de Pessoa, ao espaço poético. É nesse espaço que ele se potencializa e movimenta a energia criadora que multiplica as possibilidades do *devoir ser*. Portanto, o desejo (homo)erótico, a materialidade do corpo e os actos sexuais são sujeitos a um regime da "estetização da existência,"¹¹ na medida em que há, por um lado, a recusa da razão, da "normatividade" e das convenções sociais, e por outro lado, a busca do refúgio na arte, no corpo, e em formas individualizadas do ser. No entanto, mesmo nesse espaço poético/estético, o corpo e o desejo, não escapam inteiramente aos princípios do Real (no sentido laciano, entendido aqui como a esfera da *impossibilidade*; da não

¹¹ Queria agradecer a José Carlos Barcellos por nos lembrar da ideia da "estetização da existência" — um traço fundamental dentro da produção literária e artística modernista — em relação à obra de Proust que tem ao mesmo tempo muita relevância para a compreensão da obra pessoana e a questão do desejo homoerótico que nos interessa mais especificamente neste trabalho.

satisfação do desejo e da necessidade), nem das estruturas ideológicas que delimitam a circulação do desejo ou a produção de certas identidades. Tanto nas espectaculares odes de Álvaro de Campos, como no sensível e amoroso "Antínoo," ou no tristemente terno poema anónimo "gay," verificamos a expressão (homo)erótica numa diversidade de registos, assim como também verificamos a relativa libertação textual do que seria a repressão do desejo (homo)erótico em vida. Contudo, e apesar do impulso liberador nestes poemas, constatamos a impossibilidade da concreção desse desejo mesmo dentro do texto. Porém, surge "Le Mignon" como o único poema de conteúdo homoerótico que se conhece na obra pessoana onde se vislumbra um desejo homoerótico, não só explicitamente evocado, mas também consumado. Portanto, predomina na obra pessoana (apesar desta última importante excepção) a quase impossibilidade (homo)erótica no espaço poético (o "quase" aqui permite a excepção referida que foge à regra), se levarmos em conta a distância entre a expressão do desejo (homo)erótico que prevalece no texto e a sua não realização dentro do mesmo.

Apesar de ser um dos poemas mais carnis e sensuais de toda a obra pessoana, "Antinous/Antínoo" é marcado pelo aspecto funéreo e necrófilo. "Antínoo" chama a atenção para a impossibilidade de amar fisicamente um ser que já não existe, neste caso, o jovem Antínoo, que se suicidara no ano de 130 D.C. Aqui, o efebo morto está a ser chorado e louvado pelo seu amante, o imperador romano Adriano. Neste poema observamos uma tensão constante entre o dito e o não-dito, o sensual e o casto, o macabro e o erótico, enfim, entre a vida e a morte, que povoam o texto inteiro, servindo de comentário sobre o episódio histórico concreto, e ainda, de metacommentário do poeta sobre a (homos)sexualidade. A expressão erótica gira essencialmente em torno do corpóreo. Logo, porém, Eros entremeia-se com Tanatos, criando assim, o rito de amor necrófilo, altura em que o amor físico e a luxúria se encontram com a morte. Entretanto, a chuva estabelece desde o início o ambiente de dor e luto e o tom saudoso que perpassam o poema todo: "Era em Adriano fria a chuva fora." Logo a seguir, o poema torna-se uma espécie de percurso erótico através do corpo de Antínoo. A voz poética evoca as partes do corpo que não têm vida mas que foram e serão (no poema) o deleite do imperador: mãos quentes/mãos frias, cabelo, olhos, lábios, sítios de luxúria, dedos, língua, mãos, corpo branco, mamílea ponta, cabeça, boca, etc. Também são evocadas as propriedades que emanam do corpo: calor, cio, luxúria, prazer, etc. Todavia, a voz poética evita pormenorizar as acções, limitando-se só a sugerir, embora sensualmente: "Ó lábios cujo abrir vermelho titilava," ou simplesmente não-dizendo, "Ó dedos que hábeis eram no de não ser dito." Adriano, afinal, deseja eternizar o amor, a beleza e a juventude (elementos que Antínoo encerra), para lá do tempo e da morte. O amor carnal transfigura-se simbolicamente em pedra. O Eros não-realizado, portanto, atravessa um processo de sublimação que passa pela estátua, projectando-se à eternidade: "A tua morte deu-me alta luxúria mais-/Um carnal cio em raiva por eternidade" (PESSOA, 1974, p. 105). O desejo fica plasmado na memória através da multiplicação iconográfica de Antínoo e através da evocação poética do próprio Pessoa: "E aqui memória ou estátua, ficaremos/O mesmo um só, qual de mãos dadas éramos" (PESSOA, 1974, p. 111).

"Le Mignon," por outro lado, é um poema fragmentado com título francês escrito numa sintaxe inglesa arcaizante com frases, por vezes, ininteligíveis. Apesar de algumas lacunas encontradas no manuscrito original, o que se vislumbra em "Le Mignon" é uma clara celebração do desejo homoerótico entre homens, embora não só a sua possibilidade, mas a sua concreta realidade (pelo menos no espaço poético).¹² Contrariamente a todos os outros poemas conhecidos de Fernando Pessoa com conteúdo homoerótico, "Le Mignon" apresenta um caso de amor entre dois homens onde o desejo é indubitavelmente recíproco. A sensualidade, a ternura e o amor romântico surgem num contexto de aberta cumplicidade entre o sujeito poético e o objecto amado. Analogamente ao poema do presumível heterónimo "gay" descoberto por Richard Zenith, e que será discutido logo a seguir, o sujeito poético em "Le Mignon" tem plena consciência da hostilidade por parte da sociedade relativamente ao homossexualismo. Essa consciência revela-se através do refrão que é repetido várias vezes: "Let them speak" [Deixa-os falar].¹³ De tal forma, o sujeito encara de maneira desafiante o desprezo da sociedade na medida em que descreve explicitamente o amor entre os dois amados: "Let them speak. Life is sweet if thy lips mean/Life" [Deixa-os falar. A vida é doce se os teus lábios significam vida], ou, "Let them speak. Put thy hand within my hand/ And let us love as maid and boy are said/To love. But we are none" [Deixa-os falar. Põe a tua mão na minha mão e amemo-nos qual donzela e rapaz. Sem o sermos]. O tom desafiante deste poema reflecte-se até certo ponto no poema do heterónimo "gay," mas em contraste com aquele poema, "Le Mignon" não apresenta o ar de melancólica incerteza mas sim uma sensação serena e segura na legitimidade do seu desejo: "Let's to thy bed and kiss naked while touches/Selected from our hotter dreams transcend/Lust with thought" [Vamos para o leito beijarmos nus enquanto as carícias advindas de sonhos quentes transcendem a paixão com o pensamento] (PESSOA, 2000, p. 89-90). Tal como nos outros poemas ingleses de carácter explicitamente erótico (incluído "Antinous/Antínoo"), a escolha da língua não é gratuita, revelando-se como estratégia consciente de distanciamento por parte do poeta da temática sexual, neste caso, homossexual, ao mesmo tempo, mantendo intacta a densa teia pessoana de máscaras, personalidades, línguas e heterónimos, onde toda a verdade ontológica e sexual permanece irreversivelmente fugidia.

Outro dos poemas mais explicitamente homoeróticos da obra pessoana de que se tem notícia até agora foi descoberto e transcrito poucos anos atrás por Richard Zenith e só será publicado proximamente.¹⁴ Apesar das lacunas registadas no manuscrito original, este poema é sem dúvida um dos mais comovedores de toda a obra pessoana. Dos poucos textos que falam verdadeiramente de amor, este é provavelmente aquele que aparenta ser mais sentido e sincero, junto com "Le Mignon." É claro que dentro do jogo de ficção pessoana, as fronteiras entre fingimento e sinceridade no que diz respeito ao sentir e o dizer de, permanecem inevitavelmente fluidas. Não obstante, detecta-se a expressão nua dum sentir tristemente meigo e timidamente apaixonado dum homem por outro homem: "Sei que desprezarias, não somente/A mim, mas ainda mais o meu amor,/Se eu ousasse, numa hora/Dizer-te quem tu és pra a minha dor" (PESSOA, 2002,

¹² Ver nota 5.

¹³ A tradução portuguesa dos trechos do poema "Le Mignon" é da nossa autoria.

¹⁴ Este poema, inédito até agora, será publicado na língua original e em versão traduzida no volume *Lusosex: Gender and Sexuality in the Portuguese-speaking World* pela University of Minnesota Press (2002).

p. 16). A voz poética dirige-se a um homem, presumivelmente heterossexual, que ignora completamente que é o objecto de desejo de um outro homem, neste caso homo- ou bissexual: "Nada de mim salvo o amor vão, te toca/No corpo, e nem sequer não me desejas;/ Pois tudo ignoras que há entre mim e a louca/Ideia que me faço de ti" (PESSOA, 2002, p. 17). Apesar de ser explícito o seu desejo, a expressão dele é hesitante na medida em que o sujeito se revela inseguro de si mesmo e descrente do grau de correspondência desse desejo: "Ah, se soubesses com que mágoa eu uso/ Este terror de amar-te, sem poder/ Nem dizer-te que te amo de confuso/ De tão senti-lo, nem o amor perder" (PESSOA, 2002, p. 17). Contudo, o poema surge como lugar de celebração do desejo homoerótico, assim como veículo para a reivindicação aberta do seu direito de exprimir o seu amor por outro homem: "Quê? Há-de ser só justo e natural/ Cantar o amor que pra a mulher impele?/ Que mal há, se é na alma há bem e mal,/ Em cantar outro amor que não aquele?" (PESSOA, 2002, p. 21). Em última instância, o sujeito receia abrir-se emocionalmente ao seu objecto amado embora o texto poético lhe sirva de espaço seguro e protetor. Tal como sugere Zenith,¹⁵ respira-se no poema um certo clima de ansiedade que advém do facto de o sujeito poético estar a lutar com o seu desejo em si e com a própria natureza homoerótica do seu desejo.

Seria lícito então dizer, como afirma Zenith, que Pessoa se "traveste" de homossexual reprimido neste poema? Provavelmente. Mas o jogo dialéctico entre vida e texto, entre a palavra e o silêncio, entre a sinceridade e o fingimento, permite uma multiplicação de sentidos. A declaração logo a seguir, feita por Bernardo Soares no *Livro de Desassossego* (e citada por Zenith no Prefácio), ilumina *derridianamente* esta dinâmica: "Tudo quanto o homem expõe ou exprime é uma nota à margem de um texto apagado de todo. Mais ou menos, pelo sentido da nota, tiramos o sentido que havia de ser o do texto; mas fica sempre uma dúvida, e os sentidos possíveis são muitos" (PESSOA, 1999, p. 164). De tal forma, a rede de significação constrói-se a partir do apagamento ou ocultação do signo, permitindo assim, paradoxalmente, uma profusão semiótica. Como se sabe, a instabilidade tanto ontológica como semiótica é um aspecto central do texto pessoano.

Ficamo-nos então com Pessoa—facto textual, que afirma o que se nega em vida. Em vez de se suicidar em vida, o poeta opta por multiplicar-se existencial e textualmente. O sentir sinceramente fingindo no espaço literário permite-lhe ser tudo e sentir tudo de todas as maneiras. O vazio ontológico que está na base do dispositivo heteronímico, porém, não pode dissociar-se duma dimensão afectiva, erótica e sexual não realizada por parte do poeta, que ao mesmo tempo, tem um componente decididamente bi- ou homossexual. Esta dimensão, por sua vez, não pode nem deve ser subordinada à dimensão existencial uma vez que as duas interagem e se informam mutuamente. Apesar do carácter até certo ponto liberador e mesmo protetor do espaço textual para a expressão do desejo (homo)erótico, este permanece delimitado por uma série de constrangimentos históricos, existenciais, psíquicos e culturais, que marcaram indelevelmente o drama humano e literário do poeta.

¹⁵ ZENITH, 1999, p. 14-15.

Abstract

This article maps the history of the critical reception of homoerotic desire in Pessoa's work; it brings to bear the question of homoeroticism within the paradigm of "local readings" of Pessoa; it analyses various relevant texts; and finally it suggests – on the basis of some well-known texts as well as previously unpublished ones – how the question of homoerotic desire allows for the possibility of a less metaphysical and even more nuanced global reading of Pessoa's work.

Keywords: Fernando Pessoa, portuguese literature, homoeroticism, portuguese Modernism

Referências

- ARENAS, Fernando; QUINLAN Susan C. Introduction. *Lusosex: gender and sexuality in the Portuguese-speaking world*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2002.
- BARCELLOS, José Carlos. Identidades problemáticas: configurações do homoerotismo masculino em narrativas portuguesas e brasileiras (1881-1959). *Boletim do Centro de Estudos Portugueses*, Belo Horizonte, v. 18, 1998.
- _____. Marcel Proust: uma poética do homoerotismo. In: SANTOS, Rick, GARCIA, Wilton. *A escrita de Adé*. São Paulo: Xamã, 2002.
- BEST, Steven; KELLNER, Douglas. *Postmodern theory*. New York: Guilford Press, 1991.
- BOONE, Joseph Allen. *Libidinal currents*. Chicago: University of Chicago Press, 1998.
- BRÉCHON, Robert. *Estranho estrangeiro*. Lisboa: Quetzal Editores, 1996.
- COELHO, Eduardo Prado. José Gil: um terceiro paradigma nos estudos pessoanos. *A noite no mundo*. Lisboa: Imprensa Nacional: Casa da Moeda, 1988.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *L'anti-Oedipe*. Paris: Minuit, 1973.
- GIL, José. *Diferença e negação na poesia de Fernando Pessoa*. Lisboa: Relógio d'Água, 1999.

- _____. *Fernando Pessoa ou a metafísica das sensações*. Lisboa: Relógio d'Água, 1987.
- LOPES, Teresa Rita. *Pessoa por conhecer*. Lisboa: Estampa, 1990.
- LOURENÇO, Eduardo. *Fernando Pessoa revisitado*. Lisboa: Moraes Editores, 1981.
- _____. *Fernando ou o rei da nossa Baviera*. Lisboa: Imprensa Nacional: Casa da Moeda, 1986.
- LUGARINHO, Mário César. Al Berto, in memoriam: the Luso queer principle. In: ARENAS, Fernando; QUINLAN, Susan C. *Lusosex: gender and sexuality in the Portuguese-speaking world*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2002.
- PESSOA, Fernando. *Cartas de Fernando Pessoa a João Gaspar Simões*. Lisboa: Imprensa Nacional: Casa da Moeda, 1982.
- _____. *Livro do desassossego*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- _____. *Poemas ingleses*. Lisboa: Ática, 1974.
- _____. *Poesia inglesa*. Lisboa: Livros Horizonte, 1995.
- _____. *Poesia inglesa II*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2000.
- _____. *Poesias de Álvaro de Campos*. Lisboa: Ática, 1980.
- _____. Poema fragmentado gay de Fernando Pessoa in "Fernando Pessoa's Gay Heteronym?" de Richard Zenith. In: ARENAS, Fernando; QUINLAN Susan C. Introduction. *Lusosex: gender and sexuality in the Portuguese-speaking world*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2002.
- QUADROS, António. *Fernando Pessoa: vida, personalidade e génio*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1984.
- SENA, Jorge de. Prefácio. In: PESSOA, Fernando. *Poemas ingleses*. Lisboa: Atica, 1974.
- SIMÕES, João Gaspar. *Vida e obra de Fernando Pessoa*. 4. ed. Lisboa: Bertrand, 1980.
- ZENITH, Richard. Prefácio. In: PESSOA, Fernando. *Livro do desassossego*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- _____. Fernando Pessoa's gay heteronym? In: ARENAS, Fernando; QUINLAN Susan C. Introduction. *Lusosex: gender and sexuality in the Portuguese-speaking world*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2002.